

SEM PRETENSÕES

Se o leitor procura um trabalho onde seja feita uma acusação pública, ou desenvolvida uma cabala contra quem quer que seja, este não é o livro que deve comprar. Ao aceitar o desafio dos editores, avançámos como condição imediata que este fosse apenas um trabalho jornalístico, de fácil leitura e sem quaisquer pretensões de carácter literário, académico, policial ou erudito. Apenas e só a publicação, em suporte de livro, de um longo trabalho jornalístico. Mau, medíocre ou suficiente, é uma avaliação que deixamos para os leitores, como todos os dias fazemos, com os materiais que publicamos nos meios de comunicação onde ganhamos o pão--nosso de cada dia. Para além da dúvida, como em qualquer trabalho jornalístico, nada nos move. E é na dúvida que assentamos a nossa linha de orientação. Precisamente porque o caso Maddie continua, ainda hoje, um estranho e intrincado mistério.

“O que é invulgar”, explica Ben Ando, repórter da BBC, “é o tempo que esta história tem durado”. Segundo este especialista na área do crime, um dos factores que alçou este caso para a importância que hoje tem na comunicação social do Mundo, é também o grau de incerteza que a investigação ofereceu. O papel que a internet desempenhou no alargar das imagens de Maddie e da sua família à escala planetária, também é matéria que Ben Ando releva. A beleza física da família McCann tem, para este jornalista, um peso importante. De tal forma que chega a qualificar a pequena Maddie como “tragicamente bonita”. Na opinião de diversos estudiosos dos media, o caso Maddie reúne muitos dos ingredientes necessários para que o público tenha mantido o interesse elevado que vem revelando desde o início.

É claro que, à partida, se trata “apenas” do desaparecimento de uma criança entre tantas outras, mas “uma menina inglesa, bonita, de olhos azuis, que desaparece num aldeamento turístico inglês, no Algarve, destino de férias tido por seguro pelos seus conterrâneos, é uma janela de oportunidade mediática”, disse o conceituado publicitário brasileiro, Edson Athayde. “Se fosse uma família pobre, feia e de cor, num país do Terceiro Mundo, o caso já teria sido esquecido.” Trata-se de “uma estória de novela, sem fim à vista: há sempre um dado novo. Os bons, se calhar, são maus. Os maus, se calhar, são vítimas... são ingredientes folhetinescos”, conclui o homem que levou António Guterres ao palanque de primeiro-ministro.

Já para o professor universitário Rui Cádima, os McCann, ao tornarem-se “os melhores assessores de imprensa de si próprios, ultrapassaram a barreira dos pais que perderam o rasto da filha, para se tornarem nos assessores dos pais que perdem o rasto dos filhos”. Paulo Moura fala de um SMD: “Síndrome da Menina Branca Desaparecida”. Este jornalista refere que há uma escala de noticiabilidade. “Nunca ninguém admitirá que esta escala existe, embora ela seja aplicada todos os dias”. “No meio, estão os rapazes loiros, as raparigas morenas, etc. Um pouco como a escala em vigor para o número de mortos nas catástrofes: um cidadão americano vale o mesmo que cem árabes, mil chineses, dez mil africanos”.

De facto, o cenário é português, mas a menina, os pais, os amigos, os donos do hotel, uma parte dos funcionários do empreendimento Ocean Club e até uma boa fatia dos habitantes da aldeia da Praia da Luz, não. Como também não são portugueses os polícias reformados, os detectives privados, os cães e os testes forenses, alegadamente, “vitais para a informação”.

Na leitura da professora e investigadora Cristina Ponte, este caso tem todos os ingredientes de um melodrama: uma criança bonita, vítima, e um casal com uma boa imagem. E tem até aspectos que mexem com o inconsciente, como a figura do “Homem

do Saco” – o tal homem alegadamente visto por uma testemunha, carregando uma criança num cobertor. A investigadora entende que “a campanha feita pelos pais teve um peso inegável, foi muito bem montada, com a intervenção de futebolistas, o ir à rua com o ursinho...”

Para entender como é que o desaparecimento de uma criança tomou proporções nunca vistas, talvez seja necessário olhar para a actuação dos pais e a campanha mediática que os envolve. Mas as ligações do casal McCann ao governo britânico, ainda não totalmente conhecidas, bem como a máquina de que tem podido dispor, não serão menos despiciendas. Além dos quatro assessores de imprensa (um deles, o mítico Alex Woolfall, que conseguiu “banir” dos media britânicos um escândalo de manipulação genética), também o tio de Kate McCann, Brian Kennedy, tem tido um papel preponderante como porta-voz do casal.

Toda esta tropa de assessores é capitaneada por Clarence Mitchell, ex-jornalista da BBC e, até há bem pouco tempo, responsável para as relações e análise da imprensa, no gabinete do primeiro-ministro britânico, Gordon Brown. Um crânio, no dizer de uns, um verdadeiro cromo, na visão de outros. Certo é que Clarence Mitchell tem sabido definir muito bem as estratégias de abordagem aos meios de comunicação. Não há quem chegue aos McCann sem sua autorização. Coordenado com os contactos e informações adquiridos desde os tempos em que reportava a Downing Street, o resto é fácil de depreender. Clarence Mitchell é o verdadeiro dono da informação. No sentido lato do termo. E talvez por isso mesmo, tenha feito correr tanta tinta. Antes, durante e depois dos McCann saírem de Portugal. Primeiro esteve cá como “destacado” pelo gabinete de Gordon Brown, depois regressou a Londres, mas a sua ligação ao processo manteve-se íntima. De tal forma que, logo a 17 de Setembro, mal os McCann regressaram a Inglaterra, Clarence Mitchell anuncia formalmente o seu afastamento do governo britânico, a fim de voltar às funções de assessor do casal McCann. Sobre a reentrada em cena de Clarence Mitchell, o jornalista da TVI Hugo Matias depreende, como nós, que “parece ser mais gratificante trabalhar com os McCann, do que no governo britânico”. Por muito que se atribua o “sucesso” do caso Maddie às estratégias mediáticas adoptadas, ou às qualidades telegénicas do casal, uma coisa é já dada como certa: nunca o desaparecimento de qualquer criança, do milhão e duzentas mil que anualmente se esfumam, conseguiu a mínima aproximação à visibilidade e ao tempo de antena que esta já teve. E ainda a missa vai a santos...

No entanto, nesta como em qualquer uma das outras, tudo começou por ser “apenas” o desaparecimento de uma criança.

Não encontramos qualquer diferença entre o desaparecimento de Maddie e o de qualquer um dos outros meninos. Lamentamo--los a todos.

Posto isto, resta dizer ao leitor que, com pena nossa, não é aqui que encontrará a solução do mistério, ou sequer a indicação do lugar onde está Madeleine Beth McCann.

Aliás, à luz da lei nacional, a que formalmente todos estamos obrigados, destrinçar este puzzle é obrigação de polícias. Há notícias de quem tenha querido, nuns dias, vestir a farda, e noutros, atacar o trabalho de quem a veste. Há até a notícia de que, quem o fez, passou impune como cão por vinha vindimada. Mas isso são outros factos e outras conversas.

É claro que não conseguimos plasmar aqui todos os factos ou hipóteses colocadas no período em que os pais da menina estiveram em Portugal. Aliás, conseguir, apenas que fosse, uma resenha de tudo o que já foi publicado, seria um trabalho de grande fôlego e não é nossa pretensão alcançá-lo. Muito menos com o mês e meio que nos deram para o executar. No futuro, estamos certos, outros nomes, grandes nomes do jornalismo e de outras áreas, o farão.

Esta tarefa, que ora assinamos, pretende ser apenas uma ajuda para que não nos esqueçamos de algumas dúvidas que, no futuro, decerto virão a ser esclarecidas, mas que no tempo de hoje são pertinentes.

Aceitámos o desafio da Prime Books (assinado com a palavra de honra) e não o de outros, precisamente e apenas porque estes editores aceitaram esta nossa condição de que este seja apenas um trabalho jornalístico, simples e sem pretensões. O que aqui trazemos é, portanto, uma parte das incoerências que encontrámos ao longo destes meses. E só.

Hernâni Carvalho e Luís Maia

ESTE LIVRO É DEDICADO A:

Sofia Catarina Andrade de Oliveira;
Cláudia Alexandra Silva e Sousa;
Rui Pedro Teixeira Mendonça;
Rui Manuel Correia Pereira;
João José Gomes Teles;
Jorge Manuel Duarte Lopes Sepúlveda;
Ana Patrícia da Conceição Santos;
Tatiana Paula Mesquita Mendes;
e às suas famílias.

Em suma, a todos cujo paradeiro há tanto tempo as autoridades portuguesas desconhecem, conforme se pode constatar numa breve consulta ao site oficial da Polícia Judiciária.

Por uma inaceitável má fortuna, nem estas crianças desaparecidas, nem os seus pais, puderam alguma vez contar com uma ínfima parte do empenho que polícias, jornalistas e autoridades emprestaram à busca de Madeleine McCann.

Que nos sirva de lição a todos...

O DESAPARECIMENTO

Madeleine Beth McCann nasceu a 12 de Maio de 2003, em Amesterdão, Holanda, onde os seus pais, Katherine Marie Healy e Gerald Patrick McCann, viviam na altura. Depois, foi levada para a terra natal dos seus progenitores e aí registada. Isto, numa das versões. Há outras. Diversas. Em boa verdade, o passaporte do Reino Unido, emitido a 04/08/2003, diz que Madeleine Beth McCann é natural de Leicester. Uma cidade das East Midlands, na zona centro oriental do Reino Unido.

Filha de uma família ligada aos mais rigorosos meios da formação católica, Madeleine foi, no entanto, concebida por inseminação artificial. Menos de dois anos depois, ganha dois irmãos de uma só vez. Os gémeos Sean e Amelie haviam de vir ao Mundo, também por inseminação artificial.

No dia 3 de Maio, Maddie tinha praticamente quatro anos. Cabelos pelos ombros, quase louros e lisos. Media 90 cm de altura e ostentava dois sinais vitais que a tornam inconfundível em qualquer parte do Mundo. Um, de cor castanha, na pele que cobre o músculo gémeo da perna esquerda. O outro, bem mais visível, está curiosamente nos seus olhos. Diferentes.

O olho esquerdo de Maddie é azul e verde. O seu olho direito é verde e com uma mancha castanha na íris. Tem aquilo a que a medicina oftalmológica designa por coloboma. Conhecido por “síndrome dos olhos de gato”, é uma malformação congénita, hereditária na forma de defeito ocular isolado, ou produzida pela acção de drogas ou agentes infecciosos. Pode atingir a íris, a coróide, a pálpebra, a retina e o nervo óptico de um ou de ambos os olhos. O coloboma resulta do encerramento deficiente da fissura embrionária, na fase intra-uterina, durante o primeiro ou segundo mês de gestação. Consoante a sua localização e extensão, o dano à visão poderá ser severo, ou não. Quando se limita à íris, não ocorrem problemas de maior. Conforme nos explica a oftalmologista Ana Regina Cruz Vlainich, do Departamento de Oftalmologia do Hospital de São Paulo, no Brasil, trata-se de uma patologia que afecta uma a duas pessoas em cada dez mil. Quem quererá guardar uma menina tão facilmente identificável?

Madeleine chegou a 28 de Abril à Praia da Luz, perto de Lagos, no Algarve. Ela, os pais e os seus irmãos gémeos. No Ocean Club, o empreendimento turístico onde se instalaram, todos repararam que, dos três irmãos, Maddie era a mais agarrada ao pai. Pouco mais se sabe. Ao certo, sabe-se que desapareceu do apartamento onde terá sido deixada a dormir, a sós, com Sean e Amelie. Estávamos a 3 de Maio, a dois dias do fim das férias, quando, cerca das 22h, a mãe, Kate, anunciou o seu desaparecimento: “They’ve taken her!”. Eles levaram-na! Eles? Eles quem? Levaram-na? Para onde? Quem é ela? Amelie? Madeleine?

Respostas ainda não dadas, dúvidas mantidas. Estava lançada a primeira pedra da tese de rapto.

Kate haveria de confessar mais tarde que a primeira coisa que lhe ocorreu foi que alguém lhe tinha roubado a filha. Contudo, apesar de convicta de que um predador entrara no apartamento, deixou, de novo, os seus outros dois filhos, Sean e Amelie, sozinhos, a dormir num empreendimento turístico de um país que não conheciam e onde nunca tinham estado.

Numa mesa oval do restaurante Tapas, situado no interior da zona exclusiva do Ocean Club, estavam Gerry, sete amigos com quem tinha vindo de férias e um número ainda não consensual de garrafas de vinho. Tinto e branco. À Polícia Judiciária, o casal

declarou, logo nos primeiros depoimentos, ter estado a beber vinho branco no apartamento, após ter adormecido os filhos. Ainda antes de jantar.

Na refeição, bebeu-se bem. Catorze garrafas no dizer de uns, não mais de quatro no dizer de outros. A contradição, mesmo em depoimentos feitos pela mesma pessoa, será uma constante ao longo dos próximos cento e vinte e nove dias. Garantido é que, antes do jantar, foram consumidos martinis, daiquiris e outros aperitivos. Um hábito que já vinha dos jantares que o grupo teve nos dias anteriores.

Naquela noite, o grito de Kate acabou prematuramente com a animação. Os convivas levantaram-se da mesa em alvoroço. Todos, à excepção de Dianne Webster, de 63 anos, avó de duas crianças que, nessa altura, também dormiam num outro apartamento do Ocean Club. Só passados alguns minutos é que este elemento, o mais velho do grupo, abandona o restaurante, para se juntar aos restantes.

Gera-se rapidamente um movimento espontâneo de procura da menina nas imediações do complexo turístico. A criança podia ter saído do quarto, à procura dos pais e estar perdida algures nas redondezas. Era imperativo pesquisar a área circundante. Entre funcionários do Ocean Club e populares, em menos de uma hora havia já cerca de uma centena pessoas. Todos investidos no papel de detectives improvisados, todos imbuídos do desejo e fervor de encontrar a menina loura de quatro anos. Enquanto isso, Kate e um dos casais (apenas um dos casais) com quem antes partilhara a mesa no Tapas, esperavam pela polícia.

Quem chega ao local, vê uma mulher loura, sentada na cama onde Maddie deveria estar a dormir. Tapava os olhos com as mãos. Sem lágrimas. Só. Em silêncio. Quem viu este quadro no 5A do Ocean Club, não conseguiu decifrar que se tratava da mãe da menina que todos procuravam.

“O medo tomou conta de mim”, revela Kate McCann ao jornal britânico *The Independent* (5 de Agosto), “depois, começámos a sentirmo-nos culpados, porque não sabíamos o que tinha acontecido”. Kate confessa ainda que ela e Gerry estavam “desesperadamente arrependidos”. A avaliar por esta descrição, não devia ser difícil encontrar a mulher mais desesperada da Aldeia da Luz, uma hora depois de ter perdido a sua criança. Não devia ser difícil encontrar um olhar de sofrimento que gritasse “levaram a minha filha”. Mas foi. Foi tão difícil, que a testemunha referida só percebeu quem era a mãe da menina desaparecida, quando Kate se identificou, à chegada da patrulha da GNR. Eram 22h53m.

Na rua, todos procuravam Maddie numa roda-viva. Todos, quer dizer, os funcionários do Ocean Club e o povo. John Hill, director do complexo turístico, atesta-o. Uma pequena multidão vasculhou as ruas, esquinas e vielas da Aldeia da Luz. Os esforços de Gerry para encontrar a sua filha mais velha, concentravam--se agora no telefone. Às 23h, o pai de Maddie já se tinha envolvido numa labiríntica sucessão de telefonemas para vários órgãos de comunicação social. Britânicos. Portanto, o alarme do desaparecimento da sua filha, no Algarve, tinha importância em Terras de Sua Majestade. E teve. O diário *Correio da Manhã* havia de anunciar a 15 de Setembro, que a seguir ao alarme (22h), a primeira chamada do pai de Maddie foi feita para um velho amigo dos tempos de Universidade.

O homem para quem Gerry McCann ligou, é, curiosamente, muito próximo do actual primeiro-ministro britânico, Gordon Brown. Trata-se do diplomata Allistair Clarke. Logo nessa hora, desdobrou-se em inúmeros contactos ao mais alto nível. E estes contactos foram de tal forma foram eficazes, que John Buck, o embaixador britânico em Portugal, toma conhecimento do caso e contacta o director nacional da PJ ainda antes dos inspectores daquela polícia terem chegado ao local.

A Guarda Nacional Republicana é chamada pelas 22h41m. O telefonema é feito por um funcionário do Ocean Club. Já se sabe que, antes disso, Allistair Clarke e John Buck estão cientes do desaparecimento de Maddie. Mas não são os únicos. O canal de televisão inglês Sky News, também está devidamente informado. Conclusão: há jornalistas que tomam conhecimento do desaparecimento da criança ainda antes das autoridades portuguesas. Em menos de uma hora, os McCann e os seus amigos investem numa campanha junto da imprensa e diplomacia britânicas. Procurar Maddie no terreno ficou para a população e para os funcionários do Ocean Club.

No apartamento 5A do empreendimento turístico da Aldeia da Luz, o corrupção cresce com o passar dos minutos. Entram e saem funcionários, agentes policiais e amigos. Instala-se a confusão. Quando o piquete da PJ chega, a contaminação do apartamento era já uma incontornável realidade. Para uns, tratava-se apenas do desaparecimento de uma menina. Ali não havia suspeitos. Mas não é isso que aconselham os manuais de investigação.

Já passava das quatro da manhã e ainda havia efectivos policiais, populares e empregados do Ocean Club, à procura de Maddie. Só mesmo os gémeos Sean e Amelie continuavam imperturbáveis, dormindo o sono dos justos. Como se nada estivesse a acontecer. Mais tarde, o avô deles, pai de Kate, viria a explicar porquê.

O casal passa essa noite de 3 para 4 de Maio já num outro apartamento cedido pelo complexo turístico de Mark Warner. Nessa noite, levam dois ou três pertences pessoais. Mais tarde, a PJ há-de encarregar-se de levar o restante.

Na manhã seguinte, 30 elementos da GNR batem o terreno. Duas equipas cinotécnicas (cada uma composta por um militar e um cão) desta força policial e um helicóptero da Protecção Civil juntam-se às buscas. A Polícia Judiciária tenta encontrar mais pistas. E assim começa a investigação do caso mais intrigante e apaixonante que Portugal, o Reino Unido e, provavelmente o Planeta, viveram em 2007.

Com o rapto anunciado, entra em marcha uma campanha mediática sem precedentes. O Mundo cola-se aos ecrãs de televisão e devora páginas de jornais. Todos querem saber as últimas sobre a menina desaparecida na Praia da Luz. Nos quatro meses seguintes, muitas questões vão de ser explicadas das mais diferentes formas. Provavelmente, algumas nunca vão ter resposta. Muitas continuam sem ser compreendidas. Estas e aquelas têm contribuído para a conceptualização dos inúmeros cenários já conhecidos. E nestas, há uma em especial que nos inquieta o pensamento: poderá esta campanha de sensibilização desenvolvida por Gerry, Kate e os seus inúmeros assessores, ser um dos maiores embustes mediáticos de sempre à escala planetária?